



Desde a natureza de um gênero, não diferente de qualquer outro,
é um desafio criar de empresas, a natureza de um negócio, que
se transforma em negócios, para proteger e melhorar

O candidato deve apresentar:
 1. Cartão de identificação;
 2. Documento de identificação;
 3. Documento de residência;
 4. Documento de escolaridade;
 5. Documento de trabalho;
 6. Documento de renda;
 7. Documento de estado civil;
 8. Documento de filiação;
 9. Documento de casamento;
 10. Documento de divórcio;
 11. Documento de morte;
 12. Documento de nascimento;
 13. Documento de registro de nascimento;
 14. Documento de registro de casamento;
 15. Documento de registro de divórcio;
 16. Documento de registro de morte;
 17. Documento de registro de nascimento;
 18. Documento de registro de casamento;
 19. Documento de registro de divórcio;
 20. Documento de registro de morte;

Cópia do Texto **WYAE MEREWÁ**

Gramática: Filinto Rios | **Aritmética:** Roberto Cavalcanti e Tiago Porto | **Matemática:** Vitorino Tiago Porto

Personagens:

- | | | | |
|----------------------|-------------------------------|-------------------------------------|------------------------------|
| • Vitorino (campo) | • Camarão (estrada) | • Contadores de casa (estrada) | • Garçons de cidade (cidade) |
| • Pai (campo) | • Empregado (estrada) | • Homem de cidade (cidade) | • Pescador (cidade) |
| • Compadre (campo) | • Servico de pó (estrada) | • Policial (cidade) | • Índios (floresta) |
| • Beneditina (campo) | • Liberdade de café (estrada) | • Secretário de prefeitura (cidade) | • Capangas (floresta) |
| • Tito (campo) | | | • Antuérpia (floresta) |
| • Estelita (campo) | | | |

ATD1 - O campo

Cena 1 - História

Vitorino - (E) B-GR A A-CR E D-CR (Bm A)

Certo está no camponês

Por volta estrada que fazenda

Não raro que passe abandonado

Cheque, ali a porta

E avista uma floresta

Certo também havia um velho sertão

Essa cidade era então uma floresta

Das boas terras de grama

Seguiu logo onde a gente estava

Ali havia fartura

Por homem a qualquer criatura

Que se se queria

É a mais bonita vista "causar"

Uma maravilha apanhar

Outra descansa a gente mais que sem acreditar

Mas de todos os que se conta



O que mais me espanta
É estar que não faz contar
Faz de história de um garoto
Não diferente de nenhum outro
Poderei até ser um dia esse presente
Um moleque de olhos brilhantes
Um sorriso em seu semblante
É no pé machucado pra ficar
Cresceu em meio na natureza
Brincando com toda aquela beleza
Em sua, mata e com animais
Mas um dia seu parquinho foi arrastado
É o garoto preso aqui
Porém não posso deixar
Enfrentar sua jornada
Passando por várias mudanças
É lugares desconhecidos
Presenciar várias histórias
É garantir tudo na mão
Aquele que lhe tinha acordado
Mas o garoto não contou
Que o destino lhe reservava
Uma viagem surpresa
É num fato desconhecido
Foi-se-se um autônomo
Quando da natureza
Com os pés machucados pra ficar
Poderei a malá das pessoas mais
Estar era a sua missão
Aquele pobre capeta
Agora era o Corajoso
Nessa história que conhecerei
Esperei que não tivesse como escapar
Porque na realidade
Fode até não ser
Se a tudo mentir
Imaginação de um capeta
A gente nunca vai saber
O resto me conta que aconteceu

É que não está um construtor
 alguém que disse que não
 Agente pegou a alavanca
 Mas construtor que não está
 Para mostrar como posso fazer sempre

Cena 2 - Dia de Santo Nito

O pai está apressado de um lado para o outro

Pai - Ai meu São Bernardo, o que está acontecendo dentro desse quarto, porque ninguém fala o que está acontecendo? Mas será possível que ninguém tem paciência de um pai que está apressado por motivos? Meu filho está morrendo e eu não sei o que está acontecendo. Meu santo, me ajuda. Escuta, os filhos estão chegando, o festão, a coróia, o dia do menino. Feste de um dia santo. Então é para um santo que eu pago, meu São Bernardo, não meu filho ao mundo com saúde e alegria nesse dia de festança se fosse para casa chorando, ao mesmo tempo que o Bernardo está com a criança no colo e faz uma rede para ela

Festas -

Q

Sentar e dentro da casa, vai chegando a hora

Vai fazer a mesa dentro e escutar o canto

Vai fazer a mesa dentro e escutar o canto

Q

Sentar e dentro da casa, vai indo ao fundo

Não está a sua parte que não vem de perto

Não está a sua parte que não vem de perto

Q

Não está a sua parte que não vem de perto

Não está a sua parte que não vem de perto

Não está a sua parte que não vem de perto

Q



Sentirei dor de casa, a mãe vai sentir

O

Pai com dois olhos para a proteção do filho

OT

O

OT

O

Pai com dois olhos para a proteção do filho e o pai

Benedetto - Está aqui seu filho, está aqui a criança no colo

Pai - Como ele está?

Benedetto - (para) seu filho? Olha os olhos desse garoto

Pai - O que tem?

Benedetto - São grandes e brilhantes. São olhos inquietos, de quem nasceu com a história de mancada. Ele nasceu em um dia santo porque sentiu sendo seus olhos, uma criança furiosa que vai até o fim de quem é para defender e que acredita e proteger o que ama. Hoje, desde ele tem apenas uma criança, mas chegará o momento dele ver o mundo e assumir o seu destino

Pai - Então que seja, hoje ele é apenas uma criança, e minha criança, a quem vou cuidar e amar como meu primeiro filho que é. Se santo é o dia do seu nascimento, santo será o seu nome. Meu filho, eu te batizo com o nome. De hoje em diante você será a com esses olhos brilhantes, Benedetto será seu nome, depois por diante

(o benedetto e o pai olham um para o outro e se observam seu filho recém nascido)

Cena 3 - Medo

Voltou - (O ENTO E A/C E O (Mm Bm A)

E assim foi o nascimento

Do garoto que no momento

Desconhecia seu destino

Nascou numa criança sem muito valor

Mas que poderia muito amar

Pai defendeu aquela criança

Com muito amor e carinho

Sua mãe e seu pai

O amor com cuidado

Mas que o que ninguém sabia

É que o garoto já sentia

O peso de seu destino trazido

É o primeiro amor ao passando

É o pai se preocupando

Porque o menino não consegue andar

Então chamaram a Donata, a benedetto

Porque com certeza ele saberá uma história



Vamos - (B) ECHO A ALICE E (C) OUS DO A)

E' assim o pequeno Benedito

Agora chamado de Tio

Naquele pequeno, o resto da cidade

Inventando novas descobertas

Se descobriu de diversas maneiras

Nova descobertas em descobertas

Depois tanta coisa de o dono

Ora um ou em seu nome

Em seu mundo de imaginação

Sobretudo sempre tempestade

Deito muito impetuoso

Surpreta naquele caminho de vento

Se seguissemos ao norte

Para a floresta de pedo de corte

Onde o compadre trabalhava

La haviam pedras no caminho

E' Tio em seu cavalo de madeira

Seguindo os galopos

Muito para o sul

Era onde o tio era

Se mudasse com o chito

Um rio de água clara

E' de uma beleza tão rara

Seu amor de poluição

Do na terra de os sentava

E' sua casa pequena

Em meio uma pequena

Para elas quando podia ralar

E' seu corpo refinado

Naquele rio de calma

Se de casa com o fazer

Para o lado onde o sol nasce

Avaliava o grande chito

Uma árvore grande e bonita

Com uma sombra magnifica

Com certeza de chamaria atenção

E' para o lado onde o sol desce

Mais depois nasceu



Au-dessus de cet grand jour
 J'ai vu des vagues noires
 O rochers désemparés
 Pourquoi depuis ce jour n'ai-je plus retrouvé
 Mes requêtes dans les courants du fleuve,
 Nils des vagues et des rurs
 Et une courbe gracieuse
 A l'été de ma Chère, à l'été
 Comme une belle nuit d'été
 Et que l'été a encore été
 A l'été des vagues noires
 Pourquoi l'été n'a-t-il pas
 De l'été, comme l'été n'a
 Mais l'été n'a-t-il pas
 Une courbe gracieuse
 Pourquoi l'été n'a-t-il pas

Minerva - Minerva è l'Isola coromanda e il suo nome, parlati
Minerva - Minerva l'Isola, vale l'Isola, come
Tito - Tito è l'Isola come il suo nome, Minerva, la sua, Minerva, Minerva
Minerva - Minerva è l'Isola, come il suo nome, Minerva, la sua, Minerva, Minerva
Tito - Tito è l'Isola, come il suo nome, Minerva, la sua, Minerva, Minerva
Minerva - Minerva è l'Isola, come il suo nome, Minerva, la sua, Minerva, Minerva
Tito - Tito è l'Isola, come il suo nome, Minerva, la sua, Minerva, Minerva

[illegible]

Ana: Não quero ir (chão, suspiros de fúria silenciosa)
 Roberto: Eu sei, mas não dá para ir tão tarde.
 Ana: Eu também, que medo de engasgar como se algo é incomodando mas não sabe o que é. Mas não quero mais dançar
 Roberto: Por que não?
 Ana: Não sei.
 Roberto: Ah, quer saber, vou te ensinar um exercício.
 Ana: (rídis) Mas não quero parar nunca de dançar.
 Roberto: Mas por que você não quer ir e vai ficar muito nervosa, não vai se soltar?
 Ana: (Puta merda eu não quero dançar)
 Roberto: Não tem como, bebê. Você precisa ter que dançar um dia.
 Ana: Mas eu não quero ir com medo de não dançar.
 Roberto: Então eu quero ir.

Tio – É vou fazer você também não crescer.

Rafaela – Tá bom, se você conseguir.

Tio – (Para Rafaela) Rafaela, você promete nunca ir embora?

Rafaela – Porque você está fazendo isso?

Tio – Sabe o compadre do meu pai? Ele foi embora.

Rafaela – Mas porque?

Tio – O coronel amou as coisas dele de máquina para fazer o trabalho dele e mandou o compadre embora da fazenda. Ele mudou para outras terras e meu pai que ficou triste, colheu semente para Rafaela. Não quero que você vá embora também.

Rafaela – Eu não vou, meu pai não trabalha para o coronel, ele cuida do seu pomar.

Tio – Então tá bom, vamos andar o cabalo, ele tá leve na minha garupa.

Rafaela – Não vamos para onde?

Tio – Não vamos enfrentar os terríveis índios Capangas. Meu pai contou a história desses índios caribais.

Rafaela – Caribais?

Tio – É, que comem garça.

Rafaela – Ai que medo.

Tio – Não precisa sentir medo, eu protejo você.

Rafaela – Então vamos

os dois subem em um cavalo de madeira e continuam a brincar até cansar)

Tio – Chega, eu e meu cavalo queremos beber água.

Rafaela – (para) Seu cavalo é um molinho.

Tio – Não é não, está um grande cavalo.

Rafaela – Então com sede.

Tio – Tá vendo? Não somos apenas eu e meu cavalo. Já sei, vamos lá no rio para nadar.

Rafaela – (para) Não.

Tio – Porque não?

Rafaela – Porque ele está muito sujo.

Tio – É quem foi que sujou o rio?

Rafaela – Foi lá na cidade.

Tio – Eu não gosto dela.

Rafaela – Porque não?

Tio – Porque ela se faz coisa errada.

Rafaela – Ah, não é assim. Outro dia vi meu pai contando que esteve na cidade e tem muita coisa boa por lá.

Tio – Já disse o pedrinho e vou a prestar atenção na garota. Que coisas?

Rafaela – Ah, coisas. Eu não entendi direito.

Tio – Você não sabe nada.

Rafaela – Você é que não sabe.

Tio – Se não podemos nadar, então vamos deixar entoados do chafiz para descansar na sombra.

Rafaela – Tá bom.

Os dois seguem para o churrasco e deixam conversando animadamente até que um dos poucos Tio's não convidados se aproxime. Retirou-se depois de um longo momento e vai para casa.

Cena II - Adress

Voltam - (E A entra A B A/C D E D Cão Bão A)

Tio adormece e desce para

Sem perceber que mudanças

Se aproximam daquele lugar

A cidade vem chegando

E assim modificando

Os lugares ao passar

Tio começa um tal progresso

Mas a noite se confessa

Que não sou tão B como

Tio e tu para lembrar

Os caminhos quando a luz

Não foi suficiente pra mim

Vem com ele a comunicação

Que tipo há de sentido

Ao modo dessa cidade

Mas vem também os traços

Construindo por seus caminhos

Desafiando provas em segundos

Aos mesmos a estrada

Que era onde a cidade

Levanta para

Paga o tal sentido

E um trabalho bem alto

Os caminhos da natureza

Tio não estava entendendo

O que estava acontecendo

Ao seu mundinho quando

Mas os dois foram passando

Com o futuro sempre chegando

Resposta super cultura esportiva



(entra a Benedita que procura arrua e aproxima-se do churrasco sem saber que Tio está deitado por aí)

Bernadete - (olhando escondido) Onde está esse pechinço de alcoron, eu vi você aqui na semana passada. Vamos lá, apagaça Alcoron, (cantando) Alcoron, alcoron dozeado, que nasceu no campo, não foi comprado.

Tito - Foi meu amor, que me disse assim, que a fim do campo, é o alcoron.

Bernadete - Ao que está, menino.

Tito - Desculpa, Domana.

Bernadete - O que você faz aqui por essas bandas?

Tito - Estava descansando.

Bernadete - Suposto?

Tito - Claro que não, estou com meu cavalo.

Bernadete - (indo) Ah lá. Mas pode ser perigoso, aparecer algum animal.

Tito - Se aparecer algum animal eu entrego ele com me entregou.

Bernadete - Hum, ele vai fugir de medo.

Tito - É claro que vai, afinal eu sou um bravo guerreiro. (Tito muda sua expressão) Domana, o senhor viu a Rita?

Bernadete - A filha do seu Chico?

Tito - É.

Bernadete - Não é não, Domana?

Tito - Ah, já faz dois dias que ele não aparece para nós brincarmos.

Bernadete - Você não está sabendo, não é?

Tito - De qual?

Bernadete - O seu Chico vendeu o porco?

Tito - Como assim?

Bernadete - Um empresário da cidade vinha mostrando para que ele vendesse as terras. Seu Chico andava com dificuldades e de tanto insistirem ele acabou vendendo.

Tito - Mas é o porco, o que vai acontecer com com ele?

Bernadete - Provavelmente não tem as divras.

Tito - Mas é as frutas?

Bernadete - Se perder as divras, acabam as frutas.

Tito - É a casa do seu Chico?

Bernadete - Foi vendida junto com o porco.

Tito - Mas é o seu Chico vai morar onde?

Bernadete - A esse altura eu espero que já tenha uma outra casa.

Tito - Onde?

Bernadete - Na cidade.

(Tito demora um pouco para compreender o que aconteceu, mas aos poucos vai percebendo e mudando sua expressão)

Tito - A Rita tá embora?

Bernadete - Foi, meu Tito.

Tito - Ela nem me falou que ia embora depois.

Bernadete - Ela não sabia, foi de repente.

Tito - Como é compadre que tiraram do meu pai, foi embora e nunca mais voltou.

Benedicta – Ele não tem culpa.

Tio – Como é do que me trazem e não deixam mais eu andar.

Benedicta – Tio...

Tio – Já me trazem tanto, agora até o pomar vão levar.

Benedicta – Tio.

Tio – Mas a filha não, a filha eu não vou deixar.

Benedicta – Filho...

(A Benedicta sai, cheia de que chegou o momento que há muito tempo ela previa)

Tio – Eu não vou deixar que me trair mais nada, sendo nunca vão parar. A cidade vem levando o que quer e acha tudo pode tomar, mas eu não vou ficar quieto. Então me ouvindo? Não vou ficar quieto esperando mais andar com tudo o que sobeja, eu vou te enfrentar.

(Entra a cidade e os soldados nos acentos (M.E) num ritmo de marcha.)

Receba, eu vou te enfrentar, sempre vou te enfrentar, eu vou te enfrentar e te digo de volta para minha terra, tudo o que quiser e todos vamos sempre trazer. (Ele pega o cavalo, o pálio e o estinguir.) Que venha a cidade, eu vou me armar, eu vou montar e como um bravo guerreiro, eu vou te enfrentar, vou ser, pode me esperar.

(Tio sai para sua praça em direção a cidade)

ATO II – A estrada

Cena II – Pomar

(Entra Tio, caminhando pelo pomar. Ainda dele vem o cavaleiro, destacando-se no cenário, hora fingido ser alguma das peças que compõem o espaço, hora escondendo-se atrás de um arbusto. O garoto sente que é segredo, porém não consegue desistir por quem.)

Tio – O pomar de seu Chico, vou aproveitar para guardar umas frutas para o caminho até a cidade, sei que me dá fome, eu tenho o que comer. (Enquanto Tio recolhe as frutas, entra o Empresário, o Cavaleiro observa de longe)

Empresário – O garoto, o que faz aqui?

Tio – Eu estou colhendo frutas, claro, o que poderia fazer em um pomar?

Empresário – Com quem de quem?

Tio – Minha.

Empresário – Mas não é você que decide quem pode pegar fruta aqui.

Tio – É quem é que decide andar?

Empresário – O dono, claro.

Tio – Que bom, estou justamente procurando o seu Chico e a família dele.

Empresário – O Senhor Francisco não é mais dono desse pomar, não, eu.

Tio – É quem é o senhor?

Empresário – (sorriso) Sou um empresário da cidade, e não quero que peguem muitas frutas.

Tio – Porque não?

Empresário – Porque são muitas.

Tio - É o que o senhor vai fazer com elas?

Empresário - Eu ainda não sei, acho que vou oferecer essas árvores para comestíveis alguma coisa.

Tio - Se oferecer as árvores não vai mais ter frutas.

Empresário - Mas eu não entendo nada de pomar e dá muito trabalho cuidar de frutas.

Tio - Então porque comprou o pomar do Seu Chico?

Empresário - Porque essas terras são muito valiosas e era um bom investimento.

Tio - Ah, eu não entendo essas coisas.

Empresário - É nem é para entender, muito menos para pegar minhas frutas.

Tio - Tá bom.

Empresário - Eu vou terminar de construir minhas novas terras e quando voltar, não quero mais ver você por aqui.

Tio - Sem senhor.

(O Empresário vai saindo quando pára e volta falando para o menino)

Empresário - É sem frutas.

(O Empresário se de volta e o Camaleão entra cantando, assustando o garoto)

Camaleão - Como vão as frutas, não?

Tio - É como. O que tem de mais pagar uma ou outra fruta, tem tantas por aqui.

Camaleão - É, esse pomar que tem esperando para regar, são são muito exóticos.

Tio - Eu não vi você chegando.

Camaleão - Eu sei.

Tio - Quem é você?

Camaleão - Sou o Camaleão.

Tio - Eu já sou falar de você, não é aquele que se transforma em outras coisas?

Camaleão - (rídiculo) Camuflagem! Eu não me transformo, eu me camufo nas coisas.

Tio - É qual a diferença?

Camaleão - Se eu me transformo, eu passo a ser outra coisa. Mas se eu me camufo, eu continuo sendo eu mesmo, mas disfarçado de outro. Entendeu?

Tio - Mais ou menos, confuso, ele resolve mudar de assunto. O que você vai fazer por aqui?

Camaleão - Eu sou o senhor's dono lugar.

Tio - Outro?

Camaleão - Porque outro?

Tio - Porque eu sempre achei que o pomar fosse do Seu Chico, aí o Empresário da cidade que estava aqui agora, falou que é dele. Agora você fala que é seu, então tem entender nada.

Camaleão - Eles podem falar o que quiserem, mas o pomar é meu, sempre foi. Eu vivo aqui a muito tempo, conheço cada uma dessas árvores, conheço o gosto de cada fruta de olhos fechados, então, sou o verdadeiro senhor desse lugar, queram isso ou não. Com o Seu Chico eu sempre convivi bem, nunca tivemos conflitos, mas esse aí (referindo-se ao Empresário), ele tem umas ideias mais absurdas. Quer acabar com o pomar e nem sabe para fazer o que.

Tio - É, perdoe.

Camaleão - Então, eu não posso deixar isso acontecer.

Tio - É o que você vai fazer?

Camaleão – Eu ainda não descobri, mas vou achar uma solução. Mas é você, é que você fez por aqui?

Tio – Eu vou procurar a Patrícia, minha amiga.

Camaleão – Quem é a Patrícia?

Tio – A filha do Seu Chico. Ela foi embora com ela para a cidade.

Camaleão – E se você a encontrar, pretende fazer o quê?

Tio – Eu vou trazer ela de volta, para a parte branca.

Camaleão – Tem uma filha? Hum, é com ela provavelmente volta o Seu Chico.

Tio – Certo, ele é o pai dela.

Camaleão – E se o Seu Chico voltar, ele vai precisar do pai para trabalhar.

Tio – Acho que sim.

Camaleão – E se ele precisa do pai, o empresário tem que desistir para ele.

Tio – É, mas eu não sei nem por onde começar a procurar.

Camaleão – Ah, mas eu sei. Você não precisa ir para a cidade para encontrar sua amiga? Por eu consigo o caminho.

Tio – (completando o caminho?) Então me ensine.

Camaleão – É fácil. Você está vendo aquela floresta de mangueiras? Siga por ela até chegar nos pés de fave de corde. Quando chegar lá, você anda mais um 10 passos para a direita e vai ver uma porteira. Passando a porteira você estará na estrada para a cidade, aí é só seguir reto até lá.

Tio – Ah, então eu vou pra lá.

Camaleão – Vai, mas tome cuidado.

Tio – Com o quê?

Camaleão – Você vai encontrar muitos lugares diferentes no caminho, não esqueça onde você quer chegar.

Tio – Tá bom, eu não vou ser enganado.

Camaleão – Vai, e não diga o Seu Chico de volta.

Tio – Tá bom. (Tio sai na direção indicada pelo Camaleão. Ele apenas observa.)

Camaleão – Agora sem falta vai voltar ao normal.

(O Camaleão sai de cena.)

Cena 7 – Bonaco do pau

(O Bonaco do Pau está sentado e Tio aproxima-se enquanto ele toca a música)

Intro:

Ref: A – 3-3-1-2-2 (acorde C) 3x

C
B
A
Eu não sei bonaco de pau

F D C (Ref)



© 2000 Blackwell Science Ltd *Journal of Internal Medicine* 247: 161–167

(B) $\frac{1}{2}$
 (C) $\frac{1}{3}$
 (D) $\frac{1}{4}$
 (E) $\frac{1}{5}$

Reference	Investigations
Reference	Investigations

© 2004 by The McGraw-Hill Companies, Inc. All rights reserved. Printed in the United States of America. This book is a registered trademark of The McGraw-Hill Companies, Inc. All other trademarks are the property of their respective owners.

(10) sente-se ao lado do homem e começa a chorar uma filha quando teve um acidente na infância, vindo do homem.

Tito — Eu.
 O homem aparece atrás da porta e aponta a pistola.
 Tito — Você está louco.
 Bonow — Eu não.
 Tito — Então não se assa.
 Bonow — Pode eu saber qual você é quem falou com eles.
 Tito — Como assim?
 Bonow — Eu estava aqui quando o senhor disse uma terrível coisa na minha mão.
 Tito — Quem falou como respondeu? E quem é você?
 Bonow — Sou um homem de pau.
 Tito — Você não.
 Bonow — É você também.
 Tito — Mas porque não fala.
 Bonow — Você já tentou falar com um homem antes?
 Tito — Não.
 Bonow — O problema é isso, ninguém tenta falar com homens de pau.
 Tito — O que você faz aqui?
 Bonow — Eu estou falando.

Tia - Quando é que?

Bernardo - A cada passar, não tenho mais nada para fazer.

Tia - Você mora aqui?

Bernardo - Não quer dizer onde eu moro.

Tia - Ah tá, e onde você mora?

Bernardo - Em uma paratição de granito. Eu gosto de granito. Eles são grandes e antigos. Mas os granitos estão porcos, muitos porcos. E porcos são problemáticos.

Tia - Porquê?

Bernardo - O meu trabalho é afastar os porcos das paratis porque eles gostam de ficar me incomodando. Eles sobem no meu, me tocam, me aborrecem, até os granitos estão um maluco! Eu gosto do meu, eu é verde, e antigos, mas são até mais porcos. (Tio começa a rir e é acordado com outro safando do Bernardo)

Tia - E?

Bernardo - A vida de antes era bem melhor. Lá eu ficava do lado para o passar do sol. E todo o passar do sol, o céu fica vermelho e depois até que nasce o sol todo amarelo. Então os porcos acordam.

(Tio volta a rir e é acordado com mais um safando)

Tia - Já.

Bernardo - Eu disse que os porcos acordam.

Tia - Você me falou de novo.

Bernardo - Você estava dormindo e dormi de tempo para comer três porcos.

Tia - Você fez de novo.

Bernardo - Você quis fazer pouco.

Tia - Mas eu não gosto tanto de ti, porque está aqui no meio da estrada?

Bernardo - Porque os granitos não estão mais lá. Agora tem outra paratição no lugar, que não precisa de um homem do pé para afastar os porcos das paratis.

Tia - Quer saber? Eu vou embora.

Bernardo - Para onde?

Tia - Para a cidade, eu estou procurando minha antiga filha, você conhece?

Bernardo - Como ela é?

Tia - Ela é como eu, ela gosta de mim.

Bernardo - Ela tem olhos grandes?

Tia - Não.

Bernardo - Passou por aqui uma menina de olhos grandes e tristes.

Tia - Deve ser ela então! É a minha filha porque ela estava. Por onde ela foi?

Bernardo - Pela estrada que você vem, mas para o outro lado.

Tia - Então eu vou atrás dela.

Bernardo - É, você vai me deixar aqui com os porcos?

Tia - Mas eu não posso te levar comigo, porque um pouco é tem uma filha, já sei, filha, para você.

Bernardo - O que é isso?

Tia - Um estúpido, para você encontrar os porcos.

Bomero - Ah, é? É funcional?

Tito - É claro que tem, você sabia aqui, coloque uma máquina e abra no portão para receber um.

Bomero - Ah, que bom, agora esses visitantes vão vir uma coisa.

(O Bomero fecha o interruptor enquanto Tito pega suas coisas e segue seu caminho)

Cena 8 - Café

Vários - (F A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z)

Tito segue seu caminho

Que trilha sonora

Sem tempo de tempo

Alguns dos eventos

Conhecidos diversos, criaturas

Com alguns chamados de amigos

Ele não sabe que a jornada é longa

Que cada um tem de proteção

Até o seu destino encontrar

E muito mais ainda vai acontecer

Muito mais que aprender

Por isso não há, antes de tomar

Segundo sua jornada

Não tem de estrada

Chegar a um lugar diferente

Uma estrada nova

De uma planta nova

Tudo o que de tempo

Alguns tem homens fortes

Fazem sua própria sorte

De acordo com que encontra

Trabalha agora em liberdade

Mas a desconforto é uma necessidade

Com qualquer trabalho que aparece



(Tito chega em uma plantação de café onde dois homens estão tomando o café. Entre eles está o camaleão, camaleão de madeira)

Leoador 1 - Quem vem aí?

Leoador 2 - Camaleão, não não sabemos se é de gente

Leoador 1 - É um garoto

Leoador 2 - O que ele quer aqui?

Lavrador 1 - Pode estar vendo nosso trabalho?

Lavrador 2 - Ou talvez ele venha amassar a gente.

Lavrador 1 - Quem é você, garoto?

Tio - Meu nome é Barnabé, mas podem me chamar de Tio.

Lavrador 2 - O senhor é? E o que faz por aqui?

Tio - Eu estou procurando uma esposa.

Lavrador 2 - Por aqui não tem esposa nenhuma, tem apenas nós, os lavradores.

Tio - Lavradores? O que vocês fazem?

Lavrador 2 - Nós plantamos.

Lavrador 1 - Nós colhemos.

Lavrador 2 - E nós colhemos.

Tio - Colhem o que?

Lavrador 2 - Como o quê? Café, por isso. Olha em volta, isso aqui é uma plantação de café.

Tio - Ah, é?

Lavrador 2 - Sim.

Tio - Mas café não é preto? Como é que pode ser dessas sementinhas vermelhas?

Lavrador 1 - Ah, isso é uma história bem antiga.

Lavrador 2 - Há muito, muito tempo atrás, nossos tios tinham a nossa vila cheia de tudo.

Lavrador 1 - Nossos avós estavam trabalhando por essas terras, mas não trabalhavam por nossa própria, eram escravos.

Tio - Escravos?

Lavrador 1 - Sim, os descendentes dessa região eram seus donos e eles tinham que trabalhar para sua comida, de roupas, prêmios, e de vezes nenhuma.

Lavrador 2 - Com as terras, que café acabou, as sementes bem pequenas, foram grande progresso e que os fazendeiros que os escravos não tornaram grandes, e que seus donos se tornaram barões.

Lavrador 1 - Mas que pessoas correram para saber mais sobre essa planta que tinha a prosperidade. Foi que nesse mesmo momento, os negros ancestrais estavam presos a serem filhos de escravos. Isso causava medo nos senhores das fazendas, afinal quem plantaria a nova colheita?

Lavrador 2 - E foi assim, por isso de serem libertados, que os negros foram obrigados a plantar e cultivar as pequenas sementes, mas tudo isso que era muito rápido.

Lavrador 1 - Então os senhores obrigaram seus negros a trabalhar noite e dia. Eles prepararam a terra, separaram as sementes e plantaram, plantaram até que todo o chão de terra fosse coberto pelo café.

Tio - Contado.

Lavrador 2 - E, mas vendo todo esforço desses homens, a mãe natureza mandou uma grande chuva para refrescar e lavar o suor dessa gente.

Lavrador 1 - O suor do povo negro e trabalhador misturou-se com a terra e semente germinou vermelha, para representar o sangue quente desses povos.

Lavrador 2 - Mas a bebida que é servida dessa semente torna-se um líquido escuro, forte e amargo, para representar todo o suor derramado pelos trabalhadores.

Lavrador 1 - Mas a mão natante, sãba como sempre, tomou o aroma desse líquido agradável e quente, que, depois momentos em chama, o trabalho dessas pessoas seria terminado todos os dias do mato do sol, e é por isso que tomamos o café para morrer.

Lavrador 2 - Muita gente não sabe de nossa história.

Tio - Mas agora vouda são tudo.

Lavrador 2 - Não não tomou, mas sabemos lavradores de terra, mas só nos matos (para a terra).

Lavrador 1 - É assim que fomos, não continuamos aqui.

Lavrador 2 - Plantando.

Lavrador 1 - Alugando.

Lavrador 2 - É colhendo.

Lavrador 1 - Para que o café seja vendido na cidade.

Tio - Ah, eu sei lá tudo para lá, não muito para chegar?

Lavrador 1 - Um bom tanto.

Tio - Então já viu andando, ali mais seus lavradores.

(Tio se levanta, os lavradores também saem de cena)

Cena 8 - Pão

Vicente - (E A DICA A B A C D E D Cão São A)

Fuiz agora em lembrança

No mundo depois criança

Que dentro das mãos no coração

Descobri novos horizontes

E sentimentos aos montes

Dentro dele, a saudade

Fuiz sentimento desconhecido

Agora me apresento

A cada passo que fizes que dar

E com eles me compaño

Que também o ter o tempo inteiro

Continuo o caminho sem parar

Essa vontade era maior que eu mesmo

E lá segundo a mão

Descobri de todo a saudade

Por comando a estrada

Respete sua jornada

Em busca de te voltar

(Tio entra correndo e reage por um pouco para descansar)



Tio - Eu entendi, entendi, mas não chega nunca. (Ele olha em volta, perdido). Onde estão? Com sede, com fome, perdido e sozinho. (Ele coloca a mão no bolso e encontra o pão com quem pensa e comemorar) (Desperta, pão). Eu sei que não estou sozinho, tenho você aqui comigo. O meu pão de sorte, o melhor presente que já ganhei, agora vou o meu único amigo. (Ele começa a brincar com o pão em silêncio até que o batedor da sua chula o vem correndo a correr).

(A música se mantém nesse 2 acordes, que vão aumentando de velocidade com o decorrer da música. Cada frase é seguida 2 versos)

1. O 2. O
O pão entrou na roda do pão
Roda pão, também pão

Segurem no ternero do pão
Roda pão, também pão

Mostre sua figura do pão
Roda pão, também pão

Faça uma corcova do pão
Roda pão, também pão

Abra sua feixe do pão
Roda pão, também pão

Entrega o chapéu a outro do pão
Roda pão, também pão



Tio - Quer saber, pão? Não quero ser qual a você. O pão roda, roda mas fica no mesmo lugar e eu quero chegar na cidade. Quanto a você, pão, pare de rodar porque você vai corcova, não janta nunca chegar onde nós queremos. (Tio sai)

Cena 10 - Canavieis

(Dois cortadores de cana trabalhando)

Cortador 1 - Corta, Já Maria

Cortador 2 - Tá cortando, Já Roberto

Cortador 1 - Tem ali aquele rui lá de lá para cortar ainda hoje (grita para algum lugar) O Já Luis, entrega o corte aí.

Cortador 2 - É bastante coisa, tem que ir rápido sendo não de tempo.

Cortador 1 – Deixe por aquele canalizador que eu vou por aqui

Cortador 2 – Tá bom

Cortador 1 – Ai a gente se encontra lá na ponte que já vai dar a hora do almoço

Cortador 2 – Eu já to com fome

Cortador 1 – Eu também

Cortador 2 – O que você trouxe na marmita?

Cortador 1 – Arroz, feijão e ovo

Cortador 2 – A minha está diferente

Cortador 1 – Tem o que?

Cortador 2 – Feijão, ovo e arroz

Cortador 1 – Então tá bom isso (pilha para outro lado) Sobe a torção, Zé Mediano

(Entra o Tito, curioso com o que vê em volta. O Canalizador aparece na sequência e acompanha o garoto)

Tito – Oi

(Os cortadores se olham intrigados)

Cortador 2 – Lá, tem criança por aqui?

Cortador 1 – Quem é você?

Tito – Eu sou o Tito, e vocês?

Amigos – Eu sou o Zé, oi

Tito – Quem?

Cortador 1 – Ah, eu sou o Zé Roberto e ele é o Zé Maria

Tito – Que bom que achai vocês, eu estava perdido

Cortador 1 – Como você conseguiu se perder por aqui?

Tito – É que é tudo aqui

Cortador 1 – É claro que não, você está na rua do meio da plantação, se for para qualquer lado, vai chegar nas ruas da ponte

Tito – Mas é muito grande por aqui

Cortador 2 – Ah, isso é verdade, chamem de mar verde, mas como eu nunca vi o mar da ponte, não sei se parecia mesmo ou não

Tito – Eu queria saber comida, mas aí tem esse negócio plantado

Cortador 1 – É cana-de-açúcar

Tito – É de para comer?

Cortador 1 – Ah tá, mas não vai matar a fome

Tito – É o que acham ter tanta plantação se não dá para comer?

Cortador 1 – Boa pergunta, mas eu não sei responder, mas o que está quer por aqui?

Tito – Aqui, nada. Estou vagando em uma aventura, já andei muito e perdi por vários lugares

Cortador 1 – É como veio parar na canaçal?

Tito – Lá atrás tinha dois canavieiros para segurar e eu não sabia por qual ir. Então recdei e caí e vim parar aqui

Cortador 2 – Ah, isso acontece. A gente não sabe para onde ir e acaba parando na canaçal, mas é que inventou a essa?

Tito – Estou tentando chegar na cidade

Cortador 2 – Ah, já tá perdido

Tito – (empolgado) Verdade?

Cortador 2 – Tá sim.

Cortador 1 – Oi Zé Maria, já deu a hora não é?

Cortador 2 – É verdade, já estão tarde.

Tio – Hora de quê?

Cortador 2 – De amagar. (Para o outro) Chama lá o Zé Carlos, o Zé Custódio e o Zé Antonio e vamos descer para a beira do rio.

Cortador 1 – (Olhando o Tio) Você não tem nada lá?

Tio – Eu não.

Cortador 1 – Então vão comer com a gente.

Cortador 2 – É claro que pode, onde come um, comem dois.

Cortador 1 – É onde comem dois, comem três.

Tio – Não posso.

Cortador 1 – Você quem sabe.

Tio – Por onde eu vou para chegar na cidade?

Cortador 2 – Isso eu sei lá! É só pagar a entrada principal do carnaval e descer até chegar no rio. Lá vai ter uma ponte que separa o carnaval da cidade. Ai é só atravessar a ponte. Fácil, não é?

Tio – Tá bom, então eu vou indo. Obrigada para vocês.

(Tio sai em direção à ponte, os cortadores também saem)

ATO 2 – A cidade

Cena 11 – Casa

A casa é tomada por uma grande movimentação, para todos os lados os homens da cidade passam apressados, some da cidade são produtores e frezes são espartilhos. A sensação é de uma grande agitação onde ninguém se atende e ninguém se vê realmente, uma cidade é tomada em um de funk.

A cobra não tem pé

A cobra não tem mão

Como é que cobra sobe num pézinho de lado

Entra enrola seu corpo é todo mole

Entra enrola seu corpo é todo mole

A cobra não tem mão

A cobra não tem pé

Como é que a cobra sobe num pézinho de lado

Entra enrola seu corpo é todo mole

Entra enrola seu corpo é todo mole

Nas ruas de asfalto as pessoas da cidade vendem produtos e comida. Tio está com fome mas não tem dinheiro e não pode comprar nada. Então um policial e todos os vendedores saem correndo para não ter suas mercadorias apreendidas.

Policial – O garoto, tá vendendo o quê?

Tio – Eu? Nada.

Policial – Fala a verdade.

Tio – Eu tá fazendo.

Policial – Então o que tá fazendo aqui?

Tio – Eu tá perdido.

Policial – Ah, então é garoto abandonado?

Tio – Eu não sou abandonado.

Policial – Então onde você veio para

Tio – Eu vim de casa.

Policial – E onde é sua casa?

Tio – É no alto, tá bem longe.

Policial – E tá fazendo o que aqui?

Tio – Eu vim procurar minha amiga.

Policial – Que amiga?

Tio – A Rita.

Policial – Quem é a Rita?

Tio – É a minha amiga lá do alto.

Policial – E onde ela está?

Tio – Eu não sei.

Policial – Então vem procurar ela porque?

Tio – Porque o Seu Chico vendeu a pomar.

Policial – Quem é esse Chico?

Tio – É o pai da Rita.

Policial – E onde ela está?

Tio – Eu não sei.

Policial – Que confusão é essa, garoto? Afinal você quer o que aqui?

Tio – (canta uma música nervoso com a situação) Eu não sei, não sei. Eu preciso, preciso, fazer com o dono da cidade para ver se ele me ajuda.

Policial – Que dono da cidade?

Tio – Não sei, quem manda na cidade?

Policial – É o prefeito.

Tio – Então é com ele que eu preciso falar para ver se me ajuda.

Policial – Então você precisa ir até a prefeitura, ou vou te levar para lá. Mas vai logo, não fica brincando por aqui não sendo pode chegar outro policial e não vai ter nenhuma coisa eu.

Tio – Tá bom, eu vou indo.

Policial – Vai, vai, vai, correndo.

(Tito sai correndo e o policial sai em seguida)

Cena 12 – Prefeitura

(A Secretária carrega alguns papéis quando entra o Tito, que tenta ser atendido)

Secretária – Ai está chovendo que acaba com o meu cabelo. Chove, chove e aí sobra para mim essa montanha de papelada para protocolar por causa de um prospecto de água que vai na cidade e lagunilha com tudo.

Tito – Oi.

Secretária – Só um minuto.

Tito – Aqui é a prefeitura não é?

Secretária – (em resposta) sim.

Tito – O chefe é o seu Prefeito?

Secretária – Já viu, atendi lá.

Tito – Eu posso falar com ele?

Secretária – Ah, mas que coisa. Marcou hora?

Tito – Eu não.

Secretária – Para falar com o prefeito você tem que marcar hora.

Tito – É o que eu faço então?

Secretária – Infelizmente no momento não posso fazer nada. (Ele volta a correr)

Tito – Mas é que eu preciso falar com o Prefeito e não posso esperar tanto.

Secretária – Deixe eu te explicar pouco, o Senhor Prefeito não está na prefeitura no momento, e mesmo que estivesse ele não poderia atender você sem hora marcada então eu vou anotar os seus dados e reservar um horário para que você possa ser atendido por ele, está bem?

Tito – Sim.

Secretária – Nome?

Tito – Tito.

Secretária – Tito é nome?

Tito – É Berenito, mas me chamam de Tito.

Secretária – Então é Berenito. Berenito do quê?

Tito – Como assim?

Secretária – Seu sobrenome.

Tito – Ah, eu não sei.

Secretária – Como não sabe?

Tito – Não sei.

Secretária – E como chama o seu pai?

Tito – Pai.

Secretária – Não, o nome dele.

Tito – É Pai.

Secretária – Ah, tá bom, então nome da mãe.

Tio – Então.

Secretária – Claro que é mãe, porque tá perguntar? É qual o assunto que você quer tratar com o Senhor Prefeito?

Tio – Eu quero falar sobre o porco lá perto da minha casa, um empresário da cidade falou que vai arrancar todos os árvores e acabar com o porco.

Secretária – É o que tem?

Tio – Não quero ficar sem árvore que não frutifica para comer.

Secretária – Hum, mas se é problema de árvore então não é aqui que você tem que resolver, é na secretaria da meio ambiente.

Tio – É lá mesmo não sei o seu Chefe?

Secretária – Quem é o seu Chefe?

Tio – É o pai da filha.

Secretária – É o que tem?

Tio – Eu não consigo encontrar ela.

Secretária – Ah tá, então se o problema é criança pode procurar alguma informação na secretaria de assistência social.

Tio – É onde ela?

Secretária – Três quadras depois do rio.

Tio – Ah é, é a cidade também aqui todo o rio perto da casa.

Secretária – Isso é um problema da secretaria de água e esgoto, não posso fazer nada.

Tio – Mas aqui não é a prefeitura?

Secretária – Agora já deu não é? Aqui não é lugar de criança, onde fica a sua casa?

Tio – No final da estrada de terra que vem pra cá.

Secretária – Ah entendi, quer reclamação de falta de asfalto, então procure a secretaria de obras.

Tio – Não quero reclamação, é que na estrada eu encontro um Boreas de Pau, ele era bonzinho, mas agora me subvertendo toda hora.

Secretária – É caso para a secretaria de educação.

Tio – Depois eu passo por um canaliz que só tinha casa para comer, se não, chego na cidade morando de terra.

Secretária – Secretaria da agricultura.

Tio – Lá tinha um monte de gente com comida mas eu não podia comer nada porque não tinha dinheiro.

Secretária – Secretaria de fazenda.

Tio – Nossa, quarta secretaria.

Secretária – Pois é, somos uma administração muito bem organizada.

Tio – É então assim vocês não sabem que quando chove muito é só colocar um rio para Santa Clara que chove o dia?

Secretária – Ah tá, sempre assim?

Tio – É.

Secretária – Então tá bom parou, se as coisas fossem simples assim eu estaria indo lá com a colher. Agora me diga qual é o seu pai.

Tio – Mas você não vai me ajudar?

Secretária – Eu já ajudei, não falei todos os lugares onde você tem que ir?

Tio – Mas não resolveu nada.

Secretária – Não parou, deve eu fazer muitas coisas.

Tio – Mas é o Senhor Prefeito?

Gerente 1 – Boa tarde voltando para Tito. Você também dessas outras brincadeiras que você fez, como é isso de esquecer?

Tito – Ah, é assim, tem fecha os olhos e conta até 10, aí tem que achar os outros que se esqueceram.

Gerente 2 – Puxa, que legal. A gente podia jogar bem.

Tito – (respondendo ao Professor, claro). Que bom, faz tempo que não brinco com ninguém.

Gerente 2 – Então tá, você conta e a gente se esquece.

Tito – Tá bom, tá se bem. (Tito fecha os olhos e começa a contar. Enquanto isso os gerentes desaparecem com o pó). Tito abre os olhos e começa a procurar os dois mas não os encontra. Já vai se bem. Certo modo? Eu te vendo modo. Tá bom, pode aparecer no portão B, o pó é meu, você esqueceram de desovar. (Tito percebe que eles desapareceram e fica triste) Que foram embora e não me avisaram. Meu pó, não é meu pó, meu amigo.

Cena 18 – Rio

Vozes – (E A B C D E F A C D E D C B A B A)

Não antes chega a cidade

E se eu voltado de montado

Que ele não pensou existir

Só que alguns acontecimentos

Só ficaram achando

E uma grande vontade de desovar

Alguns até de comer

Certo não tem nenhum acontecimento

Comentava uma criança

Seu amigo e seu amigo

Quis seguir algo que ele tem

Uma vontade de esperança



(C) Tito caminha triste, olhando para o chão, sem trazendo consigo as experiências de sua passagem na cidade. Em casa está um pescador sentado à beira do rio. Tito vem e senta ao seu lado aparentemente sem se importar com sua presença e o pescador apenas o observa)

Pescador – Oi menino.

Tito – Oi.

Pescador – Quem é você?

Tito – Meu nome é Barbasco, mas meus amigos me chamam de Tito. E o senhor?

Pescador – Meu nome é Barbasco, mas os amigos dessas bandas me chamam de Seu Beto. Você está triste?

Tito – Não.

Pescador – Pois não fiqu. A vida está cheia de coisa boa para fazer a gente sorrir.

Tito – A minha não.

Pescador – Está sim, é que se você a gente não consegue esquecer, mas é só procurar bem. Olha o rio, tá vendo algum peixe?

Tito – Eu não.

Pescador – É porque eles vivem lá muito tempo.

Tio – Então porque é melhor está pescando?

Pescador – Porque eu não perdi a esperança de que um dia eles vão voltar. Mas não podemos deixar de procurar aqui, que queremo muito.

Tio – É verdade. É onde a raiva está? – *(Ele aponta para o rio.)*

Pescador – Na corrente.

Tio – É onde fica?

Pescador – Lá na floresta.

Tio – Ah, então é para lá que eu vou. Vou procurar minha amiga Ritinha e não vou desistir. Tchau, tchau, tchau.

Pescador – Tchau mesmo.

(Tio sai correndo. O pescador apenas olha para o rio, sorridente, e espera-os.)

ATO 4 – A Floresta

Cena 18 – Ritinha

(Tio caminha pela floresta, cercado por as árvores e plantas que vê, tão diferentes de que está acostumado no campo. Ao longe ele encontra o canto dos índios em homenagem à pesca.)

Para lá, no rio da direita está

Itinambé de um dia para um

Para lá, no rio da direita está

Itinambé de um dia para um

Na beira do rio ele vê alguns índios pescando e aproxima-se com cuidado. Eles retiram as peças do rio e colocam em uma cesta. Com fome, ele pega escondido alguns peixes da cesta e tenta comer mas é flagrado.)

Índio 1 – É!

(Tio pega congelado de medo.)

Tio – Ah, não me coma, por favor, não me coma.

Índio 1 – Não não vamos comer você!

Tio – Então não são os terríveis índios Cupuapú?

Índio 1 – Cupuapú? Não somos nós.

Tio – Ué!

Índio 1 – Mas porque você pegou esses peixes?

Tio – Porque estou com fome.

Índio 1 – É porque está comendo?

Tio – Para vocês não troquem comida.

Indio 1 – Não precisa pagar o coitado

Tio – Mas o meu filho, pagariam sem pedir

Indio 1 – Onde?

Tio – Na cidade

Indio 1 – Ah, mas aqui não é assim, se você está com fome, come. O peixe que alimenta um, alimenta todos, não precisa pagar o seu comendo, é só ajudar a pescar

Tio – Desculpa, posso ajudar vocês então?

Indio 1 – É claro, só não faz barulho para não espantar os peixes do rio

Tio – Tá (observa o rio e pega primeiro) Que bom, estão os peixes do São João (os índios olham surtos e Tio faz um graça) Desculpa

Indio 1 – Ah, que já está bom, vamos voltar para a cidade. Você não está com fome?

Tio – Não

Indio 1 – Então vem jantar com a tribo, aí vai você ajudar a pescar

Tio – Eu também estou com fome

Indio 1 – Então tá bom, aqui fresca para beber é o que não falta

Tio – Falsa, mesmo?

Indio 1 – (passando o resto do Tio) É claro você é um de nós

Tio – Eu não sou índio!

Indio 1 – Sim, você está o costume da cidade

Vicente –

(F A DIZEM A B ACHO E O Oito das d)

Depois de tanto viajar

Finalmente consegui encontrar

Um lugar onde se sente bem

Onde posso caminhar

E ninguém me atrapalha

Depois que de longe vem

Só que o garoto Tio

Tem seu destino certo

Donde já está

O marinho de arco brilhante

Deixa seguir sozinho

Sem imaginar o que lhe espera lá

Sua jornada termina para o desfecho

Resolvendo apenas um fecho

Tendo a vontade para se proteger

Via seguindo os sonhos

Em busca daquele marinho

Que é a razão do que ele sonhou

Indo 2 – (interrompendo) Está na hora da roda de histórias, venham, chamem todos os curumins.

Tio – Roda de histórias?

Indo 2 – Sim, na final do dia as mais velhas contam fatos antigos de nossa tribo para que os curumins tenham sabido nossas histórias e tradições.

Tio – Ah, eu quero ouvir.

(Todos sentam-se em roda para ouvir a história)

Indo 2 – Hoje eu vou contar a história de uma curumim que veio da cidade há muito tempo atrás, como o nosso amigo aqui. Ela chegou na vila ouvindo comentários pela boca do rio e trouxe com ela um ofur muito forte que se espantava pelos seus grandes ofus.

Tio – Ofus grandes... e fortes?

Indo 2 – Sim, muito fortes. Essa curumim ficou vivendo com a gente aqui na tribo por muito tempo, mas uma coisa curiosa aconteceu. Os dois pensavam juntos na floresta e os indolentinhos todos cresceram fortes e tornaram-se grandes guerreiros, caçadores e pescadores. Quando por essa mata alta mas essa curumim não cresceu nem um pouco dia. Os dois pensavam e ela continuava a mesma curumiminha de ofus grandes e fortes.

Tio – Não cresceu? E a Mãe, só pode ser. Eu consigo fazer ela não crescer.

Indo 2 – Um dia ela acordou ainda mais forte que nos outros dias e resolveu partir da aldeia. Ela resolveu suas poucas coisas e saiu, em direção à nascente do rio.

Tio – E o que aconteceu com ela depois?

Indo 2 – Não nunca mais ouvimos dela.

Tio – E a Mãe, eu tenho certeza, precisava encontrar ela. Onde foi a nascente?

Indo 1 – Bem perto, no rio.

Tio – Então eu vou pra lá agora, preciso saber para onde ela foi.

Indo 1 – Mas você acabou de chegar e já vai embora, de repente?

Indo 2 – Essa curumim é como o nosso rio, ela corre sempre para a frente, sem parar.

Indo 1 – Então vai, mas se quiser voltar, sempre terá um lugar aqui para você.

Tio – Obrigada, volte sem não esquecer verdades. Eu vou finalmente encontrar a Mãe, adeus.

(Tio parte em direção à nascente do rio)

Cena 16 – Capota

(Tio chega na nascente, olhando tudo a sua volta. Ele reconhece um charão igual ao que ele conheceu no rio e embalsou dele, os embalsos que os índios faziam).

Tio – Então aqui é a nascente, como é diferente do rio que conheci lá no rio, aqui ele é pequeninito. Ofus, um charão, igual ao do rio... e que fosse bonito, não seria. Mas o agora? Como vou saber para que lado a Mãe foi? Ah, Mãe, onde você está bem, para onde eu vou? Será que eu vou te encontrar um dia?

Q7
 Vou-me embora, vou-me embora, prende-mos-te.
 C
 Fanto muito que faltar
 Q7
 2 Fanto de partir, nada, prende-mos-te.
 C
 1 Fanto de partir, nada, prende-mos-te.
 C
 1 Fanto de partir, nada, prende-mos-te.

Q7
 Não sei, não sei, não sei, prende-mos-te.
 C
 Não sei, não sei, não sei, prende-mos-te.
 Q7
 2 Quando for de madrugada, prende-mos-te.
 C
 1 Quando for de madrugada, prende-mos-te.
 C
 1 Quando for de madrugada, prende-mos-te.

Q7
 Não sei, não sei, não sei, prende-mos-te.
 C
 Não sei, não sei, não sei, prende-mos-te.
 Q7
 2 Não sei, não sei, não sei, prende-mos-te.
 C
 1 Não sei, não sei, não sei, prende-mos-te.
 C
 1 Não sei, não sei, não sei, prende-mos-te.



(Tio apressa-se perto das impetoras e começa a acender-las e cantar até chegar ao sono e não vê a Capora se aproximando. Ela ouve algumas impetoras ao que Tio acorda e assusta-se com ela)
 Tio - E, quem é você?
 Capora - Eu? Como assim? Sou a Capora.
 Tio - O que é você?
 Capora - Eu sou um espírito dessa floresta.
 Tio - Hum, então dessa mesma floresta aí, Capora.
 Capora - Calma indolente, só vou pegar algumas para enfeitar uma dança.
 Tio - Põe eu não vou deixar.
 Capora - Não, não, não, você está a chorar de medo.
 Tio - Não estou, não.

Capora – Não sei.

Tio – A Dona Maria tem mais medo quando eu vou embora, agora eu não tenho medo de nada.

Capora – Nossa, como você é corajoso, indiano!

Tio – Eu sou mesmo, e sou muito sábio!

Capora – Não acredito!

Tio – Você fez demais.

Capora – E você é um menino!

Tio – Você é esquisito.

Capora – Você que é diferente dos outros indianos que eu viji sempre por aqui.

Tio – E porque eu sou um índio da cidade.

(A Capora espanta-se e começa a analisar o Tio, chamando a atenção em seu corpo)

Capora – Você vem da cidade?

Tio – É.

Capora – E o que faz tão longe, indiano da cidade?

Tio – Eu vim procurar minha amiga, Ritiva.

Capora – Mas você é um sábio indiano da cidade e não sabe onde está a sua amiga?

Tio – Eu sei sim... quer dizer... meus amigos todos contam que um dia ele veio para estar lá e depois nunca.

Tio – Sumiu para onde?

Tio – Eu não sei.

Capora – Hum, um dia esteve por aqui um indiano como você, da cidade, mas ele tinha os olhos muito tristes. Ele não entendia e quando ouvia esse choro ele parava, sentava-se de lado e ouvia o choro, choro muito.

Tio – Choro? A Ritiva chorou de saudade?

Capora – Depois que ele chorou toda a tristeza que tinha para chorar, ele cantou das lágrimas e resacas que a parte da água queria se irar alonga com ele.

Tio – Mas o que aconteceu?

Capora – Os espíritos da floresta apareceram, ficaram com pena da menina resolveram aliviar o seu pedido e a transformaram nestas requetas azuis.

Tio – (grita assustado para os filhos) Essas requetas?

Capora – Sim.

(Quando Tio faz começa um barulho de vento na floresta e surge o Arhangá sem que ele veja)

Tio – Ele veio essas requetas? Porque, Ritiva? Isso não é justo. Eu te procurei por tanto tempo, por tantos lugares e agora acho você assim, transformada nessas flores?

Cena 17 – Arhangá

Arhangá – Foi ele quem quis assim.

Tio – (grita assustado) Assaaa!

Arhangá – Está assustado?

Tio – Não.

Anhangá – Muito bom.

Tito – Você é o chefe das Copacabanas?

Anhangá – Não, sou o Anhangá.

Tito – Você é um monstro?

Anhangá – Não, apenas uma alma muito antiga que foi vagando pela floresta.

Tito – Mas você vai me devorar?

Anhangá – É claro que não, Tito.

Tito – Você sabe meu nome. É a primeira vez que não preciso falar meu nome.

Anhangá – Eu sei tudo o que aconteceu nessas matas.

Tito – Então me diga porque a Rênea veio, he?

Anhangá – Ela chegou ao Rio Uruguai e decidiu vir para aquelas antigas terras que não vivem sempre com alegria por todos. Não apenas circunstâncias com o período que ela mesma fez.

(Tito observa as flores com um misto de tristeza e alegria)

Tito – Eu não consigo proteger você, lá no alto, Rênea, mas vou proteger aqui na floresta. Vou ficar com você e nunca mais vou me afastar (chora). Lá você queria ter vida com alegria, lá sempre ter amor, eu garanto. Nunca mais verrei seus olhos tristes, apenas essas lindas flores, cheias de alegria que você sempre me trouxe como minha amiga e eu estarei aqui para proteger a sua alegria por todos os dias.

Anhangá – Você tem certeza?

Tito – Certo.

Anhangá – Não tenho nenhuma de sua casa, Tito?

Tito – (Inquieto) Eu... eu não... quero voltar para minha casa.

Anhangá – Então é lá você quer o caminho de volta.

Tito – Ah, mas eu também quero ficar aqui com a Rênea. (Tito observa as flores e olha para trás, tentando decidir o que fazer) Aqui eu me sinto bem e tenho a sensação que não falarei na minha aventura porque estou perto dela. Aqui eu tenho tudo o que senti que faltava de mim e eu não a sinto mais (sussurra sozinho).

Anhangá – Talvez porque aqui seja onde você deveria estar desde o início.

Tito – Mas eu também gostaria de poder ver novamente as pessoas que gosto, meus pais, Daniela, até o seu filho.

Anhangá – Você não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, não?

Tito – Não.

Anhangá – Você olha para trás mas sempre segue em frente, como as suas ideias. Seus passos o trouxeram para cá porque foram sempre em direção ao que era desconhecido para você, mas certo para a sua história. Esse é o seu e seu momento de escolha (Tito solta uma suspiração e sorri para ele, guardando dentro de sua carrega. Na mata ouve-se pequenos barulhos e vozes cantando uma canção).

Consegui até aqui, titão

Pai sim

Pai sim

Consegui até aqui, titão

Pai sim, pai sim.

Tito – Eu já escolhi, sou com a Rápida para sempre.

Antargê – A vida natureza é curta e você não chegou aqui por acaso, você veio encontrar o seu destino. Seu coração é puro e seus sentimentos são verdadeiros. Você sabe mais do quem é para defender o que acredita e proteger o que ama?

Tito – Sim.

Antargê – Pois então hoje você deixa de ser apenas uma criança e passa a ser um de nós.

Tito – Um de nós? Mas todos vocês tem super poderes.

Antargê – (sorrindo) Super poderes? De um garoto? ... (sorrindo novamente) Curioso.

Tito – De que você está falando? Não estou entendendo nada.

Antargê – Então aqui para transformá-lo em Curioso, o guardião da floresta que todos conhecem por muitos e muitos gerações. A partir de agora terá que seguir para seu passado, Tito, mas seus olhos brilhantes estarão sempre para o seu futuro, para o destino que fluirá. Com os poderes de um menino que escolheu proteger a natureza com a alegria, a amizade e o carinho de um amigo, estará sempre comendo pelas mãos, ajudando os mais corajosos daqueles que não nos rejeitam e que nada entendem.

(O Antargê encosta Tito com suas asas enquanto as fadas os olhos cantam a música *Meu Menino*.)

(Os personagens saem da cena e surge o violão para terminar a história)

Violão – Essa é a história de Tito

Um garoto muito bonito

Que fez a sua escolha

Agora conhece aquela cidade

Que há muito tempo encontrou

E que suas histórias escolhe

Traga sempre na memória

Essa história dos bons tempos de glória

Depois logo volte a partir sozinho

A história de um ser encantado

Que alguns tem amadurecido

E para todos é o melhor de todas as coisas

Nas suas eternas histórias

Eu também a importância

De cuidar da natureza

Resolvi contar essa história

De uma história de infância

Que não podemos nos esquecer

Do Curioso em sua eterna cidade

De homens mais do que de idade

A pequena ilha que viveu espírito da natureza

Com ela me despedi



Depois que me souvi com agrado
festei bastante de memórias
Se é verdade ou não sei
Mas não sempre acredito
E vivo com muita alegria
Deixo aqui o meu abraço
Desse a todos muito agrado
E uma vida cheia de festins.

(F. de A. A. C. B. D. C. B. B. A.)